



Proletários de todos os países. Uni-vos!

AVANTE!

ÓRGÃO CENTRAL DO PARTIDO COMUNISTA (S.P.C.)

PELA FRENTE ÚNICA PROLETÁRIA!

Aos Camaradas da C.G.T., Autónomos, Socialistas e sem filiação partidária ou sindical:

A ditadura clerical-fascista acaba de entrar no período mais terrível da sua dominação. Bloqueada entre a crise capitalista e a falência dos processos corporativos, só lhe resta o agravamento da repressão como solução transitória das dificuldades que se lhes deparam.

A resistência que o povo português, faminto e explorado, lhe opõe, ela responde intensificando a miséria e a violência.

A vontade de viver dos trabalhadores de Portugal, a ditadura responde com a prisão, as torturas, as violências mais inauditas.

Agora mesmo se apresenta a deportar para Cabo Verde os melhores militantes comunistas, anarquistas e anti-fascistas duma maneira geral.

Enquanto proclama os «direitos» dos trabalhadores, esmaga-os no aniquilamento de todos os seus efectivos direitos económicos e políticos, ao mesmo tempo que favorece os grandes proprietários, industriais e capitalistas.

Vivem-se em Portugal os dias mais cruéis da opressão salazarista.

Contudo, não fica aqui o quadro das desgraças que oprimem Portugal.

Lá longe, mas aproximando-se com extraordinária velocidade, vem a guerra, essa monstruosa guerra que a capitalismo acha como solução única das suas dificuldades insolúveis. E Portugal, que não tem nada que ver com essas lutas dos grandes tubarões imperialistas, prepara-se para a guerra a todo o transe.

Prepara material! prepara homens e prepara consciências.

São as grandes despesas de rearmamento (fala-se já num imposto de rearmamento), e a preparação de 10 classes (1926-36), e toda essa sampaia do chauvinismo patriótico-imperialista que se arrasta para aí em conferências e jornais.

Mas o povo português não quer a guerra, como não quer a fome, a incultura e a opressão. O povo português quer Paz! Quer pão e cultural! Quer Liberdade!

O povo português sente-se estranho aos interesses dos organizadores das guerras, como se sente alheio aos interesses dos que exploram nos campos e nas fabricas.

Os trabalhadores portugueses sabem, pois, lutar contra a guerra como lutam contra a exploração capitalista e contra o fascismo.

Porém, 40 anos de luta deram-nos ensinamentos preciosos. Mostraram-nos que é impossível marcharmos para a vitória desunidos.

É necessário pormos claros os nossos objectivos imediatos, ver como eles se identificam e trabalhar-nos unidos, concordemos como irmãos que somos na grande família proletária.

Camaradas da C.G.T., Autónomos, Socialistas e sem filiação partidária!

O Partido Comunista Português não vos vem falar na fusão das vossas organizações ou partidos. Ainda que estejamos convencidos que num futuro mais ou menos próximo toda a grande família proletária há de chegar, depois da luta em comum, a esclarecer todas as particularidades táticas ou outras em que divergimos, ainda que o Partido Comunista Português não abdique da sua luta independente e procure fortalecer essa luta, chamando às suas fileiras quanto estão de acó-

do com os estatutos da I.C. e aceitam as decisões do seu VII Congresso — não é agora o momento de, fraternalmente, esclarecermos as nossas posições ante a Revolução Proletária.

Há qualquer coisa que nos é muito mais urgente: a luta pelo destróimento do fascismo, a luta contra a guerra assassina e destruidora, a luta pela amnistia aos nossos presos.

Por isso, chamamos à unidade de esforços, à concentração de todas as forças proletárias que podem e devem unir-se naqueles organismos de luta que pelos seus programas e constituição permitem abranger, sem qualquer melindre possível, os trabalhadores de todas as tendências.

Lutemos todos unidos como um só homem para o derrubamento do fascismo. Vitalizemos, pois, a Frente Popular em que cabem todos os inimigos da opressão clerical-fascista!

Lutemos contra a exploração patronal e as más condições de trabalho que o fascismo corporativo nos impõe!

Auxiliemos e apressemos a fundação da Confederação Geral do Trabalho Única, em que cabem todos, anarquistas, Comunistas, autónomos, socialistas e sem organização, pois lutará contra a ofensiva patronal, o fascismo e guerra, na base da luta de classes e da democracia sindical, livre de qualquer preocupação partidária!

Arranquemos ao Fascismo-Clerical a Amnistia para os nossos presos!

Favoreçamos com todos os nossos esforços o Comité Nacional Pró-Amnistia!

Unidos, seremos invencíveis! Que nos inspirem os exemplos dos nossos camaradas espanhóis e franceses!

O Partido Comunista Português.

CONTRA O CAMPO DE CONCENTRAÇÃO NO TARRAFAL, TUMULO DOS ANTIFASCISTAS

Novas violências no presídio de Angra!

A ditadura clerical-fascista acaba de mostrar mais uma vez a hipocrisia miserável em que assenta toda a sua política, a demagogia desonesta em que assenta a sua política de verdade.

Proclamou aos quatro ventos, em jornais e discursos, a sua magnanimidade, a clemência que a sua força lhe dava. Anunciou a amnistia.

Que se verifica, porém? Quem é amnistiado? Quem, por acaso, das prisões, os anti-fascistas presos, há anos, sem culpa formada? Quem os que cumpriram, há longos meses e até anos, as suas condenações? Quem os que sofrem injustas condenações e têm a sua saúde aniquilada para sempre, devido às torturas da Polícia de Informações, ao Galeão, aos espancamentos dos guardas, às massomras em que os encerraram? Quem os jovens cujo ofício é pedirem trabalho, porque querem viver, os que querem ter um lar e não o podem ter?

Foram libertados os operários que defendiam, nos seus sindicatos, o seu direito à vida, os camponeses que não queriam ser mais desuma-

namente explorados?

Soltaram-se os anti-fascistas de qualquer matiz ideológico (comunistas, anarquistas, socialistas, republicanos) que tinham lutado por um Portugal livre, por um Portugal que não fosse uma contemplação pasmada das «virtudes cívicas», mas uma expressão de justiça, liberdade e bem estar, que merecem quantos trabalham nos vários sectores da vida nacional?

Não. Nada disso se fez. A amnistia, que não representa uma dívida da Ditadura mas uma conquista da luta revolucionária do Partido, do S.V.L., da Federação de Solidariedade da C.G.T., C.G.T. e da C.I.S., que foi obtida em virtude da pressão exercida pelo ambiente pró-amnistia existente em Portugal e pela Solidariedade Internacional que em França e em Espanha se tem notado — a amnistia, foi uma burla. Veio procurar paralisar a unidade anti-fascista, autorizando a entrada no país (o que é diferente de soltar das prisões) de alguns anti-fascistas.

Assim, a ditadura clerical-fascista

procurava jesuíticamente dividir a Frente Popular, mostrando aos elementos, porventura hesitantes, que a Ditadura ia entrar numa nova fase de indulgência para os inimigos considerados não indesejáveis. Desta forma, a Ditadura criava uma plataforma de conciliação, pensando que os anti-fascistas regressados ao país, venderiam a sua liberdade de consciência pelo prato de lentilhas da sua entrada em Portugal.

Salazar enganou-se, porque não enganou ninguém. Claramente se tiram os objectivos da sua política tortuosa.

A fusão de indulgência que pretendia semear, desenvolveu-se e mais nitidamente se patentearam os seus desígnios: amnistia os traidores a Portugal que haviam de pais estrangeiro atacado Portugal (os Escas de Queiroz do Secretariado, os Alexandres de Albuquerque deputados, os traidores das incursões monárquicas), os que tinham feito revoluções monárquicas, os Rolões Pretos

(Continua na 6.ª página)



O 1º DE MAIO

Dezenas de bandeiras vermelhas destraldadas! Milhares de manifestos difundidos!

Anesar de os provocadores fascistas se utilizarem de manifestos diversos, de discursos, de conferências, de artigos na imprensa, etc., para ludibriarem os trabalhadores portugueses, o 1º de Maio deste ano veio mais uma vez demonstrar que o proletariado das cidades e dos campos odia o fascismo e a guerra e está disposto a lutar contra eles.

As ameaças, veladas ou descaradas, não conseguiram demover a disposição revolucionária de milhares de trabalhadores que, a exemplo dos anos anteriores, não trabalharam no dia 1º de Maio. Os camaradas gráficos de Lisboa, em especial, mantêm essa tradição revolucionária.

Em vez da festa demagógica que os fascistas promoveram em Barcelos (obligando os trabalhadores que ali foram a pagar as despesas de deslocação), os trabalhadores antifascistas, filiados e não no Partido Comunista, desenvolveram em vários pontos do país uma intensa agitação e propaganda contra a guerra e o fascismo. Dezenas de bandeiras vermelhas flutuaram ao vento no topo de edifícios — alguns oficiais — e noutros pontos, neste 1º de Maio.

Em Torres Vedras foram editadas várias dezenas de protestos que os trabalhadores enviaram às autoridades. As paredes das ruas da localidade, bem como de outras localidades vizinhas, apareceram

repletas de inscrições com as palavras de ordem do nosso partido. Os retratos dos dois carrascos dos trabalhadores portugueses — Carmo e Salazar — foram rasgados, na Escola primária. «O Camponês», publicado pelos nossos camaradas de Torres, esclareceu as massas camponesas, em especial, do significado do 1º de Maio e publicava as suas reivindicações.

Devemos ainda salientar a agitação levada a efeito na vila de Pêiche, onde os nossos camaradas colocaram várias bandeiras vermelhas, das quais na Capitania do Pôrto, e outra na Escola Industrial; a grande agitação entre os camponeses do Sobral de Monte Agraço; e um importante levantamento de camponeses em Torres Novas.

Em muitas outras localidades, os nossos camaradas deram provas de grande actividade, distribuindo manifestos, fazendo inscrições murais e realizando campanhas de agitação entre as massas trabalhadoras.

Caminhando cada vez com mais ardor no caminho da realização da unidade sindical e da Frente Popular anti-fascista, nós, estreitando os laços que nos unem às mais vastas camadas populares de todo o país, fortaleceremos as condições necessárias para que, no próximo 1º de Maio, possamos, como os nossos irmãos da Espanha, da França e de outros países, comemorar condignamente tão gloriosa data.

Comemorando a vitória eleitoral do P.C. Francês

No dia 14 de Junho comemorou-se, em Paris e em Lille, a vitória eleitoral do P.C. Francês. Em Paris, entre os vários oradores que lozaram a palavra no imenso velódromo Buffalo, onde se encontravam reunidas várias dezenas de milhares de comunistas, Vaillant-Couturier leu o seguinte juramento, lido pelo todo a assistência:

«Ao serviço do Povo!»

«Nós, eleitos e militantes do Partido Comunista Francês, juramos lutar pela grandeza do Povo do nosso país e pela defesa do proletariado internacional.

«Nós, eleitos e militantes do Partido Comunista Francês, es aros inteiramente consagrados ao serviço das massas labon, são reunidas na Frente Popular para a conquista do Pão, da Paz e da Liberdade.

«Enfrazimos com alegria sob a disciplina do nosso Partido, confiamos na sua irresistível marcha para a frente, e juramos todo fazer para a união da nação francesa», para realizar uma França livre, forte e feliz — como a querem e hão de fazer os comunistas.

No discurso pronetado em Lille, no mesmo dia e pelo mesmo motivo, Maurice Thorez, Secretário do P.C. Francês, disse entre outras coisas:

«O método de ocupação das fábricas, empregado pela classe operária, impressionou a burguesia. Não foi cometido nenhum estrageio; a classe operária sabia bem que as fábricas por ela ocupadas hão de ser brevemente propriedade sua. Graus-se em legalidade (das greves, N.B.). Não. É, sim, a nova legalidade que se forma.»

EM ESPANHA

Os camponeses anarco-sindicalistas marcham para a unidade com os comunistas e socialistas!

«Vaios aqui, os que nos mantinhamos em lutas bizantinas e estupidas com a U.G.T., para darmos o PASSADO MORREU E H. QUE ESQUECE-LO PARA PODERMOS ENTENDER NOS NO PRESENTE.

«Vai desaparecendo o CONCEITO IMPLISTA DE QUE UMA MINORIA PUSSA REALIZAR A REVOLUÇÃO. Esta tem de a fazer as multitudes e é necessário entrearmos nós a tarefa de a organizar, tendo como ponto de partida a união de todos os trabalhadores.»

«O fascismo procura arrastar a C.N.T., fazendo-lhe ver o perigo de uma ditadura marxista.

«Não obstante, nós dizem os que, a termos de escolher entre um Estado proletário e o regime fascista, a escolha não é duvidosa. Jamais poderemos encontrar-nos no mesmo caminho com os fascistas, e se não houveres outra razão para chegar a união do proletariado, o o facto de que ELES PROCURAM DISTANCIAR-NOS DOS NOSSOS IRMÃOS MARXISTAS seria razão poderosa e suprema» para que nós BUSCÁSSEMOS A APROXIMAÇÃO e a aliança.

(Jornal «Claridad» de 25 de Maio)

Estas palavras de um verdadeiro revolucionário, de um anarquista para quem a causa do proletariado está acima de todas as divergências ideológicas, foram incomprensíveis do passado, foram pronunciadas pelo camarada Ballester, delegado da C.N.T. ao confeit de unidade sindical realizado em Cadiz em 24 de Maio em que também falou o camarada Largo Caballero, que fez um grande discurso em favor da união do proletariado nas «Alianças Operárias».

E assim, pelo compreensão mútua, pelo reconhecimento da necessidade de unificação do proletariado para derrotar o fascismo, que os trabalhadores de todas as ideologias construíram o socialismo, não em provito dum partido mas no de todos os que trabalham.

«A propaganda escrita anti-marxista que a U.N. incluiu em 18 de meos corrente e pretende intensificar em todo o país através da sua organização, foi orientada em determinado sentido e o seu máximo entendimento só se atingirá quando executada metodicamente por todos os elementos que nela cooperem.

Assim na distribuição dos manifestos que está sendo feita, deve-se às Comissões da U.N. ter em vista o que sobre o assunto foi dito na Circular n.º 1633/46.

«...cumpre aproveitar todos os esforços e boa vontade das pessoas afectas ao Estado Novo, do modo a que alcance o maior número de inimigos e indiferentes, devendo evitar-se o mais possível a afiliação nos manifestos nas paredes. Pretende-se uma distribuição pessoal, isto é, uma distribuição semelhante à dos manifestos de propaganda comunista.

«Devem, pois, as Comissões Concelhias empregar nessa distribuição os filiados da classe operária ou aqueles filiados que habitualmente vivem nos meios frequentados pelos operários.

Nesta data é pedida às autoridades administrativas toda a colaboração necessária no bom desfecho do encargo que tenho a honra de solicitar do patriotismo e da dedicação dos membros das Comissões Concelhias.

«Mais rogo a V. Ex. se digre e o comunicar a Comissão Executiva toda e qualquer reacção que porventura venha a notar-se, com a distribuição dos manifestos nesse Concelho»

COMO SE FABRICA A VERDADE...

Dirigimos às inteligências livres do país a cópia da circular fornecida confidencialmente à imprensa portuguesa pelo Secretariado de Propaganda Nacional, a fim de que possam avaliar até que ponto os homens que dirigem os destinos de Portugal pretendem abusar da boné dos portugueses, mentindo-lhes descaradamente por meio dum propaganda injuriosa para prejudicarem o avanço social dum povo que deseja a acima de tudo a Liberdade e o bem estar social.

As notas a que a circular se refere já vieram publicadas no «Século» e no «Diário de notícias» e estão sendo actualmente publicadas em todos os jornais do país.

S. R.

Secretariado de Propaganda Nacional

2.ª Secção

Serviço de Informação e Imprensa

Exm.º Snr.

Chefe de redacção de.....

Verificando-se a oportunidade política de dar o MAIOR RELEVÃO AOS ACONTECIMENTOS DE ESPANHA, que podem servir tanto e exemplo como de aviso AOS ELEMENTOS DO NOSSO EXERCITO E DA NOSSA BURGUESIA, envio a V. Ex.ª essas duas notas QUE CONVEM PUBLICAR COM TODO O DESTAQUE.

Aproveito o ensejo para LEM-

BRAR A CONVENIÊNCIA de que as notas ou informações enviadas por este Secretariado não sejam publicadas REVELANDO-SE A SUA ORIGEM e de que se procura mesmo DAR-LHE SEMPRE UMA REDACÇÃO LIMPO E DIVERSA, para não se REPETIREM INFERALMENTE, em todos os jornais.

A Bem da Nação

Secretariado da Propaganda Nacional, 22 de Abril de 1936

O Chefe dos Serviços de Informação e Imprensa

a) Artur Maciel

Mais circulares...

Cópia da Circular da Comissão Executiva da União Nacional às Comissões Concelhias, enviada em 18 de Abril de 1936 com o n.º 1633/46

«Não querendo a União Nacional permanecer indiferente perante a clandestina propaganda comunista que se tem verificado em muitos pontos do país e tendo em consideração o grave momento internacional que se atravessa e a necessidade imperiosa de obstar à infiltração de doutrinas contrárias aos princípios que defendemos e cumpre defender cada vez mais intensamente, resolveu a Comissão Executiva organizar um plano de contra-ataque que começa desde já a pôr em prática.

«Este plano consta uma profunda distribuição de pequenos manifestos dirigidos, muito principalm-

te, às classes mais a vejadas pela campanha internacionalista: a classes trabalhadoras.

Nesta data é enviada a V. Ex.ª uma remessa do primeiro manifesto dirigido aos trabalhadores a rugueses.

Para a distribuição destes manifestos, cumpre aproveitar todos os esforços e boa vontade das pessoas afectas ao Estado Novo, do modo a que alcance o maior número de inimigos e indiferentes, devendo evitar-se o mais possível a afiliação dos manifestos nas paredes. Pretende-se uma distribuição pessoal, isto é, uma distribuição semelhante à dos manifestos de propaganda comunista.

«Devem, pois, as Comissões Concelhias empregar nessa distribuição os filiados da classe operária ou aqueles filiados que habitualmente vivem nos meios frequentados pelos operários.

Nesta data é pedida às autoridades administrativas toda a colaboração necessária no bom desfecho do encargo que tenho a honra de solicitar do patriotismo e da dedicação dos membros das Comissões Concelhias.

«Mais rogo a V. Ex.ª se digre e o comunicar a Comissão Executiva toda e qualquer reacção que porventura venha a notar-se, com a distribuição dos manifestos nesse Concelho»

Cópia da Circular da Comissão Executiva da União Nacional às Comissões Concelhias, enviada em 18 de Abril p.p. com o n.º 1910/53

Continua na 5.ª página

NO PAÍS DO SOCIALISMO

O Orçamento Soviético

A cifra total dos orçamentos soviéticos aumenta de ano para ano e corresponde ao desenvolvimento do bem estar e do conforto das massas populares soviéticas. Isto significa que o Estado, que vê aumentadas as suas receitas graças não só ao desenvolvimento do comércio, da indústria e da agricultura, mas igualmente ao maior rendimento do trabalho colectivo, investe importâncias cada vez mais consideráveis para o aumento do bem e para dos trabalhadores soviéticos (novas escolas, fábricas, jardins de infância, bibliotecas, universidades, etc.).

Para se fazer uma ideia do aumento geral do orçamento soviético comparemos-nos às cifras do quadro abaixo:

1928/296 bilhões de rublos
1929/3011
193121
193230
193340
193449
193564
193678

Isto não contando com os orçamentos locais que, a serem tomados em conta e somados aos 78 bilhões de 1936, perfaziam a soma de 89 bilhões de rublos.

As receitas do orçamento de 1936 são constituídas na sua maioria (90%) por dois impostos: — o imposto sobre a cifra total de negócios e o imposto sobre os lucros das empresas produtoras do Estado.

Ao contrário do que sucede nos países capitalistas os impostos, na URSS, não são extraídos dos salários dos trabalhadores, mas sim do valor total daquilo que eles produzem e consomem.

MOSCOVO — Entre os livros recentemente aparecidos acham-se as obras seguintes da literatura mundial: «Obras escolhidas» de Horácio; «Contoso de Perrault, precursor de La Fontaine; uma nova coleção das comédias de Menandro, autor grego; uma nova edição das obras completas de Henrique Heine.

O teatro artístico de Moscovo representa, esta temporada, «O passaro azul», de Maeterlinck.

Em 1929 a indústria de pesca possuía 509 barcos a vapor, agora possui 3150.

Em 1929 a pesca soviética ocupava o quinto lugar no mundo, hoje, com uma produção de 15 milhões e meio de quintais, ocupa o segundo.

MOSCOVO — O pedido de livros soviéticos para o estrangeiro cresce continuamente. Em 1933 venderam-se livros no estrangeiro, jornais e revistas soviéticos no valor de 310.000 dólares; em 1934, no valor de 350.000; e em 1935 no valor de 380.000.

Os Estados Unidos vão à cabeça na venda de edições em língua russa; seguem-se-lhe a França, Polónia, Alemanha, Tchecoslováquia, Inglaterra, Lituânia, Estónia, Palestina e Roménia.

E' interessante assinalar que os

A VERDADE SOBRE A UNIÃO SOVIÉTICA

«Tenho ouvido dizer a muitos: "Sim, mim tanto faz uma ditadura negra como uma vermelha". E eu digo que finalidade procuram os que aplaudem uma ditadura negra para levar a cultura a um ponto, que dizem que é selvagem? Na URSS procura-se uma finalidade diferente. Ali e noutro se o socialismo. Constrói-se novas formas de vida.

Fui à União Soviética com uma ideologia e muitos preconceitos que ali desapareceram. Todos os trabalhadores, sem distinção, devem pensar na obra gigantesca que a URSS se está realizando em benefício de todos nós. E se chegou o momento de agressão ao país do proletariado, tende presente que está ali a nossa salvação e que não devemos ir a actos tão desumanos onde só teríamos de estabelecer-nos uns aos outros.»

Angel Garcia de Huasca, melancólico, da CNT (anarquista-individualista).

«Vou fazer um chamamento aos trabalhadores da CNT. Todos os trabalhadores sem distinção de ideologias e como solidários com os trabalhadores soviéticos. Temos as mesmas necessidades e o mesmo inimigo. Na URSS regem-se democraticamente. A estrutura social começa na fábrica.

Tem-se falado em itinerários preparados. As delegações operárias à URSS reúnem-se democraticamente, faz-se um questionário e sobre ele traçamos o itinerário que havemos de seguir. Por todas as partes encontramos FACILIDADES PARA PODER VISITAR O QUE NOS INTERESSA. Algumas vezes, depois de terminado o nosso trabalho, voltávamos a uma fábrica, ou a um lugar publico, e ISTO NÃO SE PODE PREPARAR.»

Luiz Munos, de Madrid, chauffeur, do Partido Socialista e da U. G. T.

Estas palavras da dois camaradas espanhóis, um anarquista e outro socialista, mostram o que deve ser a atitude de todos os trabalhadores perante a União Soviética.

Um anarquista espanhol não teve receio de rectificar as suas concepções e dizer claramente o

livros sobre questões sociais e económicas, assim como os de carácter técnico, são tão procurados como as obras literárias.

Os livros preferidos dos leitores soviéticos foram de um grande éxito fora das fronteiras da URSS; tal é o caso das obras de Máximo Gorki. N. Chokolov, A. Tolstoi, etc., etc. A editorial Majdanrodnaia Kniga acaba de realizar um contrato com a casa Hachette, de Paris, pelo qual esta última se compromete a difundir em França e nas suas colónias e em todos os países da Europa meridional tais edições exportadas da URSS, assim como os periódicos soviéticos.

Foi realizado um contrato se semelhante com uma grande casa de

que pensava da U.R.S.S. O camarada socialista destruiu a tenda de que a U.R.S.S. só se mostram certas coisas porque o resto não vale nada.»

E assim, com o depoimento honesto de quantos trabalhadores que, não sendo comunistas, visitam a URSS que se consolidar o movimento que impedirá qualquer ataque à pátria dos trabalhadores.

Para conclusão destes depoimentos e sua confirmação, transcrevemos, da mesma «Rússia de Hoje» de Janeiro de 1936 a declaração da delegação operária espanhola que visitou a União Soviética em Novembro de 1935.

A Delegação operária e panhola, composta de sindicalistas, socialistas, comunistas e sem partido, que visitou a União Soviética durante a celebração do 15.º aniversário da Revolução, no termo da sua viagem, e havendo encontrado todas as facilidades para o cumprimento da sua missão, declara:

1.º — Que no campo político se pôde convencer de que a DITADURA DO PROLETARIADO É EXERCIDA PELA MAIORIA DO POVO e responde à vontade e interesses dessa maioria.

2.º — Que na cam. o sindical os SINDICATOS DESEMPENHAM UM IMPORTANTÍSSIMO PAPEL NO DESENVOLVIMENTO E CONTROLE DA PRODUÇÃO, conjuntamente com os órgãos da administração das empresas e com os órgãos do Partido, velando eficazmente pelos interesses dos trabalhadores e tendo nas suas mãos quanto se refere ao Seguro Social em todos os seus aspectos.

3.º — Que em diversos centros industriais visitados por nós, vimos verdadeiros modelos de perfeição técnica e administrativa, equipados com todos os elementos de segurança e higiene necessários para o operário, com seguras medidas e serviços culturais nos próprios lugares de trabalho. A esta formidável base industrial responde o actual movimento «stakhanovista», orgulho da U.S., encaminhado a tirar da técnica o máximo rendimento, com a consciência de que o aumento de produção se traduz imediatamente no bem estar dos trabalhadores.

4.º — Ns inúmeras colectividades agrícolas («kolcozes») que visitámos, vimos realizada a entrega

mérica que os difundirá nos Estados Unidos.

MOSCOVO — Há três anos surgiu pela primeira vez, sobretudo por iniciativa da juventude soviética, a ideia de se organizar um club de amadores da aviação. Desde essa data foram organizados 140 clubs deste tipo, dos quais a maior parte constituídos no ano passado. Uns dos mais jovens acabam de receber o título de piloto, o qual os classifica como pilotos de reserva mas sem, por isso, terem a obrigação de abandonar a única vida, o seu trabalho a fábrica ou o campo. E' um facto conhecido que o paraquedismo o voou a lá se converteram em desportos de massas.

da terra, em usufruto perpétuo, aos camponeses, que a trabalham com o grande entusiasmo. Graças aos métodos colectivos de trabalho e ao constante auxílio do Estado, que facilita os elementos técnicos e mecânicos, a agricultura floresce da para daí, notando-se um aumento enorme na produção da economia rural e, ao mesmo tempo, um aumento grande de bem-estar económico e do nível cultural dos camponeses tendo de aparecer o completo a miséria e o obscurantismo secular do campo russo.

5.º — O florescimento cultural da U.S. e uma das maiores conquistas da Revolução proletária. Mediante a nova organização da cultura, consegue-se levar a cabo a educação das massas operárias e camponeses rompendo o monopólio intelectual de uma minoria, fazendo que das massas trabalhadoras saiam os seus próprios técnicos, engenheiros, artistas e homens de ciência e marchando rapidamente para a superação do antagonismo entre o trabalho manual e intelectual, com o DESENVOLVIMENTO DA PERSONALIDADE HUMANA EM TODOS OS SEUS ASPECTOS.

6.º — Na URSS está plenamente realizada a emancipação da mulher e a equiparação de esta ao homem, não só de um modo formal como efectivo, no campo da produção, da cultura, do desporto, etc.

A vitória sobre os velhos preconceitos levou a uma admirável convivência entre o homem e a mulher, dentro d'um ambiente de grande elevação moral.

7.º — Outro dos problemas resolvidos na U.S. é a questão das nacionalidades. Dentro da URSS convivem fraternalmente em RESPEITO MÚTUO DOS RESPECTIVOS IDIOMAS E CULTURAS NACIONAIS, os mais diversos, cooperando todos com o mesmo entusiasmo no desenvolvimento do socialismo.

Todas estas conquistas NÃO TERIAM SIDO POSSÍVEIS SEM UMA UNIDADE DE ACCÃO DO PROLETARIADO E A ALIANÇA DESTES COM OS TRABALHADORES DO CAMPO. Por isso, nós, operários revolucionários de diferentes tendências sociais, consideramos que a unidade do proletariado é um facto e imprescindível para que a revolução no nosso país chegue a ser um facto, e com a união das classes operárias, a sua aliança com as massas camponesas. E entendemos que esta unidade deverá ter como órgão de direcção a «Aliança Operária».

30 de Novembro de 1935

Vicente Arbiol Navarro (sindicalista) maquinista — Valência.

Francisco Mirasol Fernández, chauffeur (sindicalista), Sindicato do Transportes — Valência.

Eduardo Pallares Climent, trabalhador do portão — Valência.

Juan Antonio Pérez Heredia, Artes Blancas, UGT — Madrid.

Benito Martín Martins, Artes Blancas, UGT — Aranjuez.

Domingo Velasco, constituição, UGT — Madrid.

SOB A PATA DO FASCISMO SALAZARISTA

Com a Sociedade de Aduos Reis, Lda. resolve o desemprego

SACAVEM — Esta fábrica com-
pru uma «grua» (guindaste) para
os carregamentos e descarrega-
mentos de fragatas.

Fez um contracto com a Fábrica
de Louça encarregando-se das suas
cargas «a preços módicos». Até
então a Fábrica de Louça tinha os
seus próprios operários descarrega-
dores que, pelo seu esforço, algu-
mas vezes chegaram, numa jornada
de trabalho, a ganhar uns 3000.
Hoje a «Sociedade Reis Lda.», en-
carregou-se desse trabalho por me-
nos dinheiro, tendo ao seu serviço,
para trabalhar com a «grua», so-
mente 4 homens que têm que dar conta
de todo o trabalho. Paga 10000 a
cada um, embora trabalhem mais
do que trabalhavam todos os outros
da Louça.

**OS 30 DESCARREGADORES
QUE FAZIAM O SERVIÇO DA
FÁBRICA DE LOUÇA, FORAM
LANÇADOS PARA A RUA.**

A «Sociedade de Aduos Reis,
Lda.» mandou construir, nas suas
oficinas, uma outra «grua» pois
tencionava tomar conta de todos os
descarregamentos das fábricas de
Sacavem para, dessa maneira, «re-
solver» a crise do desemprego da
classe descarregadora de Sacavém.

É extraordinário mas verdadei-
ro o caso que vamos descrever pa-
ssado na «Fábrica de Louça». É
mais uma das manifestações misé-
ráveis da «filantropia» da burguesia.

Duas operárias desta fábrica, mãe
e filha, a primeira Guilhermina da
Conceição, de 80 anos e a segunda
Maria da Conceição de 40, foram
«reformadas» pela fábrica, COM
25 (VINTE E CINCO CENTA-
VOS) E 10 (DEZ CENTAVOS)
RESPECTIVAMENTE POR SE-
MANA. A «reforma» fora arbitrá-
ria ao tempo da vida barata e hoje,
se bem que os preços de então es-
tão multiplicados por 30 ou 40,
continuum recebendo a mesma
coisa.

Ao fim de uma vida inteira de tra-
balho, ao fim de uma vida inteira de
exploração, os ladrões capitais-
tas dão uma esmola que não chega pa-
ra comprar um quarto de pão por
semana!

Assim procede sempre a burgu-
esia para com o proletariado. En-
quanto o trabalhador pode produ-
zir, dá-lhe o bastante para ele não
morrer de fome. Mas quando ele já
não lhe serve como instrumento de
exploração, porque esteja velho ou
doente, a burguesia despede-o,
sem se importar mais com a sua
sorte.

O caso que apontamos é também
um exemplo prático da «política de
ressurgimento nacional» e das
«boas» condições de vida do pro-
letariado português que, segundo o
capitão Salgueiro Rego, tornam o
comunismo impossível em Portugal.

Mas os trabalhadores da «Fábrica
de Louça» não podem ficar in-
diferentes a este caso repugnante.
Temos que lutar pelo asseguramen-
to das condições de vida destas
duas operárias a expensas dos reis
da louça!

Elas não podem estar sujeitas a

ta nanha infâmia! Têm necessidade
de viver. Vinte e cinco e dez cen-
tavos por semana é ultrajante! E
por do que uma esmola!

Elas não podem estar a viver
à custa dos vizinhos que
recebem salários misérrimos ou
que nada recebem se estão desem-
pregados.

**OS DONOS DA FÁBRICA QUE
AS SUBVENCIONEM MAS DE
MANEIRA QUE POSSAM VIVER!**
Operários e operárias da «Fábrica
de Louça»: Protestai junto dos
patrões contra a situação misérrima
e ultrajante a que estão submetidas
essas duas camaradas!

Organizai comissões de protes-
to na fábrica e levai os patrões a pa-
gar-lhes um salário com o qual
possam viver!

Salva-as da fome e da mendici-
dade! Forçai os patrões a assegura-
rem os condições de vida dessas
camaradas e de todos os operários
que sejam considerados inválidos
pela vida de trabalho e exploração
a que estiveram submetidos na fá-
brica!

A inconsciência das autoridades de MONTIJO

MONTIJO — No dia 10 de Março
passou-se o seguinte nesta vila.
Chegou a este local um indivi-
duo desconhecido, que era porta-
dor de um masso de manifestos da
Frente Popular.

Como tinha com eleimento «e»
a maioria da população era anal-
fabeta, não levou muito tempo a
escolher uma pessoa que lhe li-
zesse o trabalho que ele precisava.
Encontrou um operário «esfar-
apad», que por sinal vivia na «ai-
miséria» e doente e perguntou-lhe:
«quere ganhar 15 to. s?»
«Então porque não? Eu sou filho
do ganho pão».

«Então vá distribuir estes progra-
mas, que é para o cinema na
quinta-feira, e não dê mais do que
um a cada pessoa e só a quem
soubber ler.»

O bom do homem distribuiu os
manifestos pela Havaneta, tibe-
nas e barbearias e fez a distribuição
até à própria G.N.R. (!)

Houve quem lhe pedisse mais
um e ele respondeu: «que tinha
ordem para entregar um a cada
pessoa. Por aqui vê-se que o bom
do homem não sabia o conteúdo
dos programas. Mas os canalhas
das autoridades não olharam a
isso. No dia seguinte já andavam os
lacaioes de Salazar, como cães, à
procura do pobre homem. E o dito
operário não teve muitas horas de
liberdade. Foi metido imediata-
mente na masmorra para ser in-
terrogado e confessar quem lhe
tinha dado os programas. O ho-
mem disse que não sabia, era des-
conhecido, e como tinha fome fez a
distribuição para ganhar um pão
e que também não sabia o que
diziam os ditos papéis. As autoridades do local não olha-
ram a isso: tiveram o pobre do

ALCAINS — A grave crise de
trabalho, que muito fez sentir os
seus efeitos, agravou-se ultimamen-
te, devido aos grandes temporais e
lançou na miséria cerca de 80% da
população desta freguesia.

Esta situação — com tendência a
agravar-se, por o estado fascista
ser incapaz de solucionar os graves
problemas económicos e morais da
sociedade burguesa — não tem me-
recido a atenção dos lacaioes do Es-
tado-Novo e é ignóbilmente explo-
rada por um «luminar» do fascismo
local que se formou em direito pa-
ra usufruir da fortuna que a esposa
lhe confiou, e que se chama PAR-
DAL.

Este pássaro que em tempos se
dedicou ao jornalismo, com pouco
brilho diga-se em abono da verda-
de, esfalhou-se a gritar aos quatro
ventos do coneelho, que mais longi-
nó se fazia ouvir, a excelência do
Estado-Novo, do seu programa so-
cial e a necessidade do proletariado
ingressar nos indicadores nacionais,
para alcançar a sua carta de alforria.

A alforria que este predador do

Estado-Novo oferece ao proletaria-
do de Alcains, está bem patente na
miséria dos salários que paga às
mulheres na limpeza de uma vir-
hua junto à estação (2500 por 12 h-
ras de trabalho e proibição de cobrir a
cabeça e cara sob o pretexto de que
assim não veriam a grama) e na
maneira de aplicar justiça (si-
n-
por que este soba permite-se fa-
zer justiça) exigindo de uma mul-
her, em extremo debilitada pela mi-
séria e pela doença, que lhe inco-
rra nas iras, o trabalho gratuito o de
dois dias nos serviços agrícolas das
suas filhas, para pagar um multa em
que a condenara; na exigência que
faz aos carreiros que há dez anos
se serviam numa casa, a margem
da estrada, devidamente arre-
quisados, para pernoitarem, obri-
gando-os ao pagamento de 500; etc., etc.

O operariado de Alcains é nome-
damente, todo o distrito de Castelo Branco, começa
a despertar e a tomar consciência
da sua força e da sua missão na So-
ciedade!

Sente que a luta a sua vizinha e já
não vem longe o dia da derrota do
seu inimigo secular e fidalgo!

Por isso começa a sentir a neces-
sidade de se organizar e de prepa-
rar a sua emanicipação.

O Partido Comunista, com a sua
organização, com a sua ideologia
nitidamente revolucionária, é o
Partido onde deve ingressar!

Operários de Alcains! Não mais
wexames! Não mais tropelias!

LADOEIRO — Vai em aumento
a onda de revolta que sentem os
trabalhadores rurais desta freguesia.
Nesta freguesia, onde o operaria-
do rural há muito não trabalha, há
fome, há miséria e há um protes-
to primário que, por ironia, se chama
Paixão (há bem pouco tempo que
esse cavalleiro fazia parte do
Partido Democrático e agora appare-
ce-se metamorfoseado em membro
da União Nacional).

Este professor Paixão, — símbolo
do capitalista pelo egoismo, estupi-
dez e facilidade com que tudo dá
côr — levou há dias sob prisão a Cas-
telo Branco, umas mulheres que,
num ribeiro que passa por uma das
suas propriedades, foram surpreen-
didas a colher agriões que lhes iriam
matar a fome!

Não contente com a proeza, o
misérrimo recebeu o produto da
venda dos agriões e exigiu uma in-
demnização de 20000 por cabeça!
Tanto egoismo, provocou unânime
repulsa e fez reacção para a
defeza dos seus interesses a grande
massa dos rurais desta freguesia.

Trabalhadores do Ladoeiro! E!
tempo de acordarem e começarem
a lutar pela vossa emanicipação!

Essa emanicipação está só depen-
dente de vós próprios, da vossa luta
organizada contra os vossos ex-
ploradores e contra o Estado fas-
cista, ao serviço dos patrões.

Lutai com o Partido Comunista
que em breve alcançareis o bem
estar a que tendes direito.

Viva a União sovietica!

homem na cadeia 48 horas e de-
ram-lhe ap-nas uma pequena re-
feiçõ. Quere dizer: como tivesse
feito tal serviço por e usa d'fome,
os canalhas depois «encheram-lhe
a barriga». E ainda mais: para que
não morres e de triu, levou um
cobertor para se tapar qu' depois,
quando veio para liberdade, não o
deixaram trazer sem pagar 12500
da «recragem».

Para pagar os 12500 teve que
andar a mendigar. etc. e mais a
sua companheira.

Do sto, camarada operário, não
estejas arrependido de fazer tal
serviço porque foste convidado todos
trabalhadores a lutar contra os ca-
nalhas que vivem a custa do pro-
letariado.

Um jovem

Na fábrica BARREIROS (Irmãos)

BARREIRO — No dia 13 de Ja-
neiro, chegaram 15 «Varinos» car-
regados de fardos de 100 a 120 quilos,
com os quais os descarregadores do
cais não podiam. Tinha que esperar
que a maré enchesse para os
puxarem para terra e depois 4 ou 5
homens levavam-nos para uma
carroça.

Sabem os camaradas quanto ga-
nhou cada descarregador por cada
saco que transportou durante um
percurso de mais de 500 metros?

Não dizem, embora quasi se
não possa acreditar: — 335.

Este é um dos melhores exemplos
da exploração desenfreada da clas-
se trabalhadora. E' uma das provas
mais categóricas de quanto mente
o fascismo salazarista quanto afir-
ma o seu interesse por aqueles que,
para viverem, são obrigados a ven-
dar a sua força.

A F. POPULAR DE ESPANHIA E O CAPITALISMO PORTUGUES

A burguesia portuguesa, a armada com a vitória da Frente Popular em Espanha, faz sentir a sua voz, através de grande imprensa, a medrontada com uma próxima e completa vitória do proletariado espanhol, armando os partidos pertencentes à F. P. de destruírem a "civilização IBERICA" e a CRISTA.

Para o "Diário de Notícias" — órgão dos potentados da Morgem — a F. P. não se obra senão do P. C. que, seguindo os ordens de Moscovo, pretende trazer para Espanha a desordem, o terror e a miséria. E vai de acusar os comunistas de investigadores vândalos e culpados dos assassinatos e incêndios. O enviado especial QUE NÃO ASSINA AS GRONCAS SOBRE ESPANHIA publica diariamente no "D. N.", não tem escrúpulos em afirmar, embora o contradiga qualquer telegrama que, no mesmo dia, esse jornal publique, que os indivíduos que a enfrentam contra a vida deste ou daquele deputado membro da F. P., são comunistas e não fascistas. Para o "D. N." como para os outros jornais que representam a grande burguesia portuguesa os fascistas espanhóis são: um núcleo de arianes nacionalistas, patrióticos, que defendem os princípios da modernidade da Espanha, dentro da ordem e sob a influência civilizadora da religião (D. N. 19-3-36), limitam-se a sua acção: a distribuir profusamente manifestos e a enfrentar o inimigo com heroísmo, que vai até ao sacrifício da própria vida (D. N. 18-3-36). Outra coisa não poderá dizer o "D. N." acerca dos seus amigos fascistas espanhóis, representantes do capital financeiro de Espanha.

Mas voltemo-nos mais de perto para a vitória da F. P. e para o sasto da grande burguesia portuguesa.

A vitória da F. P., que varreu do poder os fascistas e todos os elementos da direita que demonstraram, enquanto no poder, o seu ódio ao proletariado e ao campesinato pobre e a sua incapacidade para governar o país, veio arrancar das prisões 30.000 trabalhadores, veio impor a liberdade de reunião e de associação, veio impor a readmissão dos operários despedidos como primeira medida para a solução do problema do desemprego, permitiu a saída da imprensa operária, etc. etc. E a burguesia portuguesa amedronta-se ante a liberdade do proletariado e campesinato espanhol. Amedronta-se ao saber que este pode, livremente, lutar pela conquista das suas reivindicações, sem que a guerra se lhe responda, na sua sede de terror e exploração. Ame a direita porque prevê a próxima conquista do poder pelo proletariado e sabe o perigo que isso representa não para a civilização IBERICA mas para os interesses da burguesia exploradora que nenhum direitos reconhece ao povo trabalhador.

E a sua imprensa com a missão de espalhar a lufu da publicação "O QUE NÃO VAL POR ES A NH".

O perá los e ca-pones a jovens e mulheres, povo português, ponde

o olhos em Espanha, olha para o que na realidade pode trazer e traz a Espanha a F. P. Vêde que a não são os fascistas, como acontece entre nós — e sabeis bem o que para nós representa o fascismo que há já dez anos vem semeando a miséria e o terror, sugando-nos o suor e o escasso sangue, em benefício da grande burguesia — quem governa o país, mas um governo saído da vontade do próprio povo, um governo que se ergue o "fascista" fascista.

A R. P. entrou, levando todas as suas forças, e cr-se-á ao governo fascista, segundo de Carmona-Salazar.

Viva o povo espanhol que, colocando no poder a Frente Popular, se livrou do terror e exploração fascista.

Viva a Frente Popular portuguesa que livrará o povo explorado e oprimido do fascismo assassino chefiado pelos Salazares Carmona e Leotónio.

De BI "GIBBONI" de 22-5-36

Este jornal espanhol, insuspeito de comunistas, pois é um jornal republicano, diz, na data actual, a in-

O "ESTADO-NOVO", e a Jornada Corporativa de 18 de Abril em Gaia

No dia 18 de Abril, p. realizou o governo fascista no V. N. de Gaia mais um grande paradeio de forças e de nacionalistas — dizem eles — mais uma e mais a facção de os

Os grandes e latifundistas dizem no dia 19, o que foi a quilibriação. Segundo eles os seus militares de operários ali todos os comunistas, e assim a sua completa concordância com a política guiada pelo Estado Novo. Nada de mais falso. Se é verdade que algumas centenas de operários ali foram, há que ver o motivo porque o fizeram. Em primeiro lugar, todas as comissões dos S. N. foram obrigadas a comparecer ali com as bandeiras dos seus sindicatos; inclusive, aqueles que ainda as não possuem, levaram — porque a isso foram obrigados — as antigas. — O câmbulo da farda as bandeiras dos antigos sindicatos livres que foram assaltados e saqueados pelo próprio Estado! Entre outras apareceram ali o antigo sindicato do M. de Pão do Porto e arredores.

Alem das comissões dos S. N. foram obrigadas a classe dos Tanoeiros. Empregados dos Armazéns de Vinhos, Fosforitos, Construção Naval, Trabalhadores Fluviais do Rio Douro, e Conservadores de Matos, todos em disposição dos quais foram postos os carros eléctricos com passagens pagas. O comércio de V. N. e G. ia fechou, obrigando a todos a ir para os locais.

A realidade é esta: apareceram de facto ali algumas centenas de operários, mas a isso foram coadunados por meio de um documento, além de lhes serem pagas o transporte e o dia de salário.

O. N. está então essa feição nacionalista e completa concordância

dicada, o seguinte:

«E o "Século" o jornal que agora insulta a Espanha com deleite em nome de um reaccionarismo miserável.

Diz n.º seu editorial do dia 19 de Maio: — Os efeitos das últimas eleições legislativas e panholas traíram-se, entre outras coisas, em barba das suas inatias...

Isto pode dizer-se num período que diz exprimir a voz ministerial do país vizinho, isto consentem a autoridades portuguesas.

«O mesmo editorial acrescenta: «Assim, nos o direito de pedir que os republicanos espanhóis não deixem tranquilos».

«Pedem-nos, além disso, que deixemos tranquilos!»

E escandalizamo-nos que a Espanha se constituiu uma entidade intitulada "Amigos de Portugal" do Portugal da verdade republicana cuja instituição aplaudimos, nós o, e os espanhóis com esse em suas inatias, e le vor li, e li.

«S. N. or Sanchez Alvaroz, embaixador de Espanha em Portugal, o go se sua a verga, ha, que tanto satis os que já de sua maneira, e jo al, a ha, que ch ma xprio as cem por cento»

Palavras e REALIDADES...

Apesar da censura, podemos contar PALAVRAS, como estas lidas na espição do X ano no arque Eduardo VII, no dia 28 de maio:

«O Estado corporativo restabeleceu a paz social, o sociego público, e a continuidade, a estabilidade e a dependência. As finanças restauraram-se, debelou-se a crise económica, combateu-se o desemprego, reconstruíram-se estradas, adquiriram-se navios, e estabilizou-se a sonda, e os BENEÍCIOS (em sentido n.º), espalhados por todo o País, construídos, aumento de produção agrícola, amortiza ao os dívidas, baixamento das taxas de juro, restituição da usura, etc., que Portugal em em todo o mundo um prestigio norm», é citado como modelo, e os já nos podemos orgulhar de ser portugueses». (Século de 29-5-36)

Com estas tristes realidades:

O. HAO, 30 — E grave a situação em que se encontram mais de 100.000 crianças da indústria de conservas desta vila, na sua maioria abereiros que reclamam a assistência, assistência médica, prom. justiça, pelo C. P. de G. de P. de Vinte dessas infelizes crianças oram a fura reclamar providências junto do delegado do Instituto Nacional do Trabalho, Sr. de R. C. L. H. S. nada tendo conseguido. (Diário de Notícias de 3-7-36)

e estis:

O. LEO, 1 — Dezenas de trabalhadores encontram-se de estradas e numa situação desesperada. (Século de 6-7-36)

O fascismo é o poder do próprio capital financeiro. É a organização do ajustamento terrorista de contas com a classe operária e a parte revolucionária dos camponeses e dos intelectuais.

(DIMITROF)

Como se fabrica a vergonha...

Continuad da 2.ª pagina

os manifestos pelo processo individual, evitando-se sempre a sua publicação na imprensa e cumprindo, muito especialmente, ocultar a sua origem.

«Apontar a U. N. como editora dos manifestos e publicações anticomunistas, é grave erro e contrária absolutamente o nosso plano de acção nesta matéria.

«Agradeço mais uma vez...»

Interesses dos grandes potentados da terra, da banca e da finança e que os esmagam a eles. Não. Os operários não concordam com um governo que defende os seus interesses só nas frases e nos cartazes; os operários concordam e querem um governo que defenda na realidade os seus interesses e esse governo só pode ser o deles, o governo dos operários e camponeses.

Mas antes que os trabalhadores estejam preparados para a tomada do poder, é preciso unir todas as forças anti-fascistas para o triunfo de um governo de Frente Popular que esmague o fascismo e as suas bases económicas.

As massas do Barreiro TRAVAM SÉRIA LUTA Com as forças mercenárias do Estado Novo

Ape sar da selvática repressão do fascismo salazarista, com o fim de abalar a ódio a revolta dos trabalhadores, o movimento revolucionário prossegue dia a dia. Cada vez se acentua mais o ódio profundo de todo o povo trabalhador contra a ditadura assassina do Salazar e a cru e selvagem política entrou já numa fase aguda.

De vez em quando, aqui e ali, surgem alguns movimentos de massas, preparadas ou espontâneas, que nos mostram que os trabalhadores de creem totalmente na democracia fascista e começam a ver no caminho revolucionário a única solução dos seus problemas vitais.

O cuidado com que a grande imprensa oculta esses movimentos e o protesto contra a burguesia fascista e todos os dias apregoa o "ordem e o progresso da nação" e o apoio dos trabalhadores ao Estado Novo — mostra-nos toda a inconsistência da ditadura salazarista e quanto abalo lhe produzem as manifestações hostis dos trabalhadores.

A junção das lutas do Barreiro, no ano passado, em que toamaram parte cerca de 3.000 pessoas; a luta vitoriosa da população de Peniche, em fins do ano passado, contra as medidas do governo salazarista que impediam de ir ao mar 700 pescadores; aos recentes movimentos importantes de camponeses no Bombaral, Cadaval, Torres Novas, etc.; a luta dos taberneiros do concelho de Torres Vedras contra a Federação dos Vinhos — a junção a esses importantes movimentos de massas há mais um a registar.

Em meados de Maio, uns sete agentes da polícia de informação foram ao Barreiro prender um operário ferroviário, electricista, de nome José Francisco. Esse camarada já esperava e tinha preparada a fuga para o caso de ser procurado. Porém, uma traição do encarregado da sua oficina — que lhe disse que chegara uma pessoa para falar-lhe num trabalho fora da vila — meteu-o nas garras da odiosa polícia. Eram 11, 20 horas. Logo que o pessoal da sua oficina e das outras teve conhecimento do caso, começou a largar o trabalho. Passado pouco tempo a paralisação era geral e os operários aguardavam que a polícia passasse nas oficinas (José Francisco foi preso no escritório) para arrancarem o seu camarada das mãos da polícia assassina. Os esbirros, porém, viram o perigo e saíram pela parte trazeira das oficinas. Quando os trabalhadores deram pelo logro, a polícia já estava dentro do barco com a sua vítima.

Os trabalhadores dirigiram-se então ao barco e tentaram entrar nele. Uma força da guarda republicana guardava o barco. O heróico povo do Barreiro estava, porém, decidido a salvar o seu camarada. Entrou em luta com a polícia de informação, que fazia fogo de dentro do barco. Homens e mulheres atiravam o barco com pedras e toda a espécie de projecteis que tinham à mão, o qual ficou com os vidros todos partidos. O inimigo estava bem armado e

venceu. O balanço dava cinco feridos, um dos quais em estado grave. Ninguém mais pôde entrar no barco e este seguiu para Lisboa com a polícia de informação e o operário José Francisco.

Mas a luta dos trabalhadores ferroviários não tinha terminado. As 13 horas, tocou o sinal para entrada nas oficinas e mais de metade dos operários não entraram. Foram fechados as portas para que os grevistas não pudessem entrar. Alguns destes então conseguiram penetrar nas oficinas e trouxeram PARA A GREVE TODOS OS OPERÁRIOS, greve que durou o resto do dia.

Estava marcado bem o protesto de centenas de trabalhadores da C.P. e do consciente povo do Barreiro. Estava demonstrado mais uma vez que o povo do Barreiro está totalmente contra a bárbara ditadura fascista jesuíta de Salazar.

QUE O POVO BARREIRENSE SE ORGANIZE DE MODO A PODER IMPEDIR MAIS PRISÕES DOS SEUS AMIGOS E PESSOAS DE FAMÍLIA!

QUE TODO O POVO BARREIRENSE AJUDE A FORMAR UMA POTENTE FRENTE POPULAR QUE DERRUBE A SELVAGEM DITADURA SALAZARISTA E SATISFAÇA AS NECESSIDADES ECONÓMICAS E POLÍTICAS IMEDIATAS DE TODO O POVO TRABALHADOR PORTUGUÊS!

Subscrição Pró-revisão do Processo Bento, Sousa, FOGAÇA e SELEIRO

Transporte.....	756 463
Do camarada Z.....	533
De uma criança, futuro camarada (Barreiro)....	10400
De M. P. (Barreiro).....	5600
	771 600

Assalto à tipografia de "O Proletário", Salvemos Antonio de Jesus!

Em face da situação internacional, cada vez mais favorável às forças anti-fascistas, e ao crescente movimento anti-fascista português, a ditadura salazarista entrou numa fase de defesa desesperada. Todos os meios servem aos fascistas portugueses para manterem a sua violenta dominação — desde as torturas mais horríveis às provocações mais infames, como fazer sair manifestos em nome do Partido Comunista, para lançar a confusão entre os trabalhadores, etc.

A última prova da noventa polícia de informação foi o assalto à tipografia de "O Proletário", na madrugada do dia 12 deste mês. Nesta foi preso o dedicado militante da Comissão Inter-Sindical, camarada Antonio de Jesus.

A importância material da perda é grande. É a perda daquilo que se conseguiu à custa de anos de sacrifícios e de riscos constantes. Mas não julgue a miserável burguesia que paralisou a actividade da CIS. O movimento sindical revolucionário conta hoje vários milhares de militantes dedicados e por isso não pode ser destruído.

A esta hora está António da Jesus a pagar com as torturas mais brutais a sua dedicação à causa do proletariado.

O Partido Comunista Português convida todos os trabalhadores a exigirem a cessação das torturas a António de Jesus e a sua comunicabilidade, assim como a contribuírem para uma subscrição nacional a favor da montagem de uma nova tipografia para "O Proletário".

Viva a Comissão Inter-Sindical!
Abaixo a ditadura assassina dos trabalhadores!

NOVAS VIOLÊNCIAS EM ANGRA

(Continuado da 1.ª página)

correram.

Tudo isso nada representa para a ditadura assassina do Salazar (Citadela)

Isto nada vale nem chega à ansia criminosa do salazarismo. Por isso, busca o Tarrafal, procura nas regiões africanas o isolamento, o mau clima que permitam as violências sem nome do regime que mantém a exploração do Povo português.

Nos não descansaremos, porém, na luta pela Amnistia verdadeira. Como não descançamos o SVI e a Federação de Solidariedade da CGT que acabam de editar um folheto distribuído por todo o país a descrever o criminoso regime de Angra. Como não descançamos as famílias dos presos que, continuamente, têm ido ao ministério do Interior apresentar as suas reclamações, indiferentes às violências policiais que sobre elas se levantam.

Há que marchar unidos para libertar todos os nossos presos.

Comunistas ou anarquistas, socialistas, republicanos ou livre pensadores todos somos vítimas da opressão de salazar e todos queremos mais felicidade e pão para o povo português!

Unamo-nos, pois, e demos todos os nossos esforços ao Comité Nacional Pró-Amnistia que já está formado e abrange vários organismos de solidariedade anti-fascista.

Viva a organização única de Solidariedade!

ÚLTIMAS NOTÍCIAS DO RUANO

De uma carta-circular da Organização Libertária da Fortaleza de Angra, dirigida às famílias dos presos, extratamos as notícias que seguem, na impossibilidade de publicarmos aquela carta na íntegra:

Os presos da sala n.º 2, num total aproximado de 40 homens, encontram-se de castigo no "Calejão" desde o dia 24 de Maio. Nesse antro infecto, húmido, têm que cozinhar as suas refeições e têm que viver amontoados.

No dia 19 de Junho, por estes presos terem pedido providências porque havia quatro horas que lhes faltava a água, uma sentinela da guarda republicana disparou um tiro para dentro da prisão, por ordem do cabo de serviço. A bala rebotou contra a abóboda de granito. Os fragmentos atingiram os seguintes presos, que ficaram feridos, os dois últimos dos quais em estado grave, tendo que dar entrada no hospital: Virgílio Barroso e Manuel Simão de Silves; José Ramos dos Santos, de Tavira; Manuel Carvalho Rodrigues e Manuel Gomes Cascajero, de Lisboa; e José Ventura Paixão, de Coimbra. Esta brutalidade originou fortes protestos dos presos de outras cadeias. Os carcereiros tentaram impor silêncio pela força das espingardas tendo ainda disparado um tiro contra os presos da sala n.º 6, o qual, felizmente, não atingiu ninguém.

Trabalhadores portugueses! Enviai energícos protestos ao Governo contra os crimes na Fortaleza de S. João Baptista!

SALVAI DA MORTE OS PRESOS DE ANGRA!